

V Á R I A

Subsídios para o estudo da fiação e tecelagem em Portugal

Em vista a um próximo estudo global das indústrias caseiras primitivas de fiação e tecelagem em Portugal, que este Centro de Estudos se propõe levar a cabo próximamente, passamos a descrever alguns elementos relacionados com essas actividades, que recolhemos em recentes trabalhos em campo.

1) *Rocas do concelho de Viana do Castelo* — Por todo o País se encontra um tipo de roca extremamente simples, em que o bojo se obtém abrindo ou rachando o próprio pau de que o instrumento é feito, de modo a formar 4, 6, ou um número indeterminado de varetas ou *banços*, que em seguida se alargam com uma rodela de madeira ou cortiça metida no meio deles. A ponta mais grossa da vara é aquecida ao lume, e, enquanto quente, aberta com uma navalha, no sentido longitudinal, a uns 5 a 10 cm abaixo do topo, em rasgos de cerca de 20 cm de altura. Nas duas extremidades desses rasgos, é amarrado um fio de arame ou de algodão, que impede que as rachadelas se prolonguem. Do mesmo modo, enquanto os *banços* estão ainda quentes, é introduzida a referida rodela ou quadrado de cortiça ou madeira no meio deles, obrigando-os a fazer um bojo. Depois de limpa de quaisquer galhos, a vara é aguçada na parte de cima — a torre —, e, em alguns casos, ornamentada com entalhes decorativos simples.

Em determinadas regiões, porém, a par deste tipo geral, aparecem outros mais elaborados, que por vezes constituem um estilo local, mais ou menos característico. É precisamente o que acontece numa área que corresponde aproximadamente ao concelho de Viana do Castelo, onde além disso a roca regional se caracteriza por uma forma inteiramente original e diferente de todas as demais rocas do País, pela sua beleza e pela excelência das madeiras nela utilizadas nos casos mais representativos.

As rocas do concelho de Viana do Castelo são constituídas por uma peça de madeira torneada, de forma cônica afunilada, alargando para baixo, que faz as vezes do habitual *rocão*, e a que se dá o nome propriamente de *roca*, embutida num *cabo*

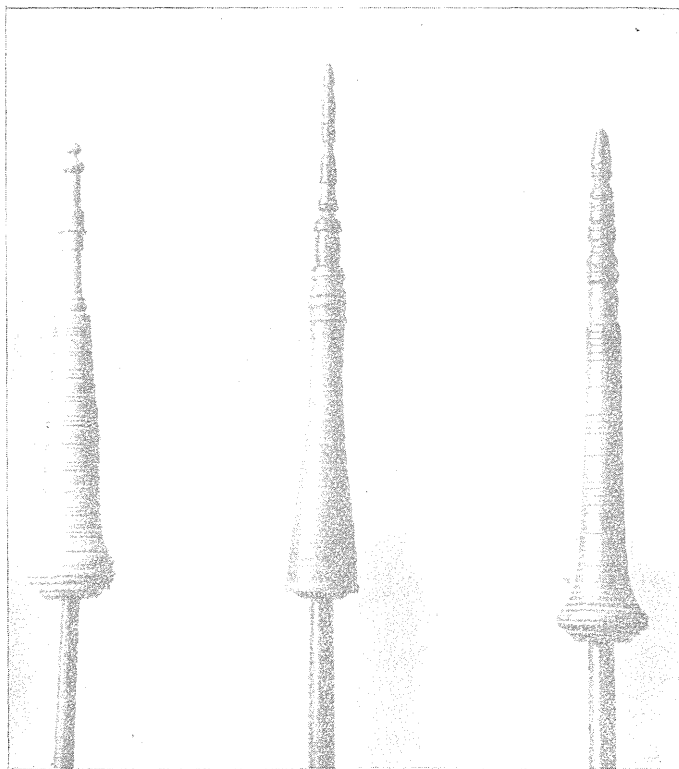


Fig. 1 — Rocas do Concelho de Viana do Castelo: a) Montedor; b) Santa Marta de Portuzelo; c) Perre (22,5 cm, 25 cm e 26 cm).

redondo e liso de madeira, feito à plaina, que nunca mostra quaisquer ornatos. A *roca* remata por uma fina pirâmula de madeira diferente, o *ciso*, delicadamente torneado (Fig. 1).

No *ciso*, entre dois frisos torneados, meramente decorativos como os demais, vê-se sempre uma parte lisa com cerca de

2 cm de altura, onde se prende a *correia* que se enrola à roda da estriga de linho para a segurar, e se firma por meio da *espicha*.

Com frequência, a *roca* é em madeira de buxo muito clara, e o *ciso* de pau preto, contrastando com aquela. Num. exemplar especialmente formoso, recolhido em Santa Marta de Portuzelo, o próprio *cabo* era desta última madeira. Por vezes, porém, *roca* e *ciso* formam uma peça única; temos dessa variante um exemplar de Montedor e outro de S. Lourenço da Montaria; mas em dois exemplares mais pobres — de Santa Marta de Portuzelo e de Perre — embora *roca* e *ciso* sejam também uma peça única, um torneado e coloração adequados no devido lugar, dão a aparência de um *ciso* independente.

Estas rocas servem para a fiação da lã, e principalmente do linho.

O linho em rama para a fiação, encontra-se em estrigas que têm as duas pontas amarradas. Para preparar a roca, desamarram-se as pontas e sacode-se a estriga, à vez, por cada uma delas, de modo a espalhar as fibras, que ficam muito soltas; e então, humedecendo a roca com saliva e segurando com a mão esquerda a estriga e com a direita o cabo da roca, que se vai rodando, enrola-se a estriga na roca sem a apertar. A estriga é mantida pela prisão da correia; mas esta, nas mãos de uma boa fiadeira, deve ser enrolada com uma nova rotação do cabo, e não passada com a mão à volta da estriga.

Para o linho fino, que requiere as fibras longas, a correia deve prender só no alto, para que aquelas se desfiem livremente, e o fio saia fino e igual; para a estopa e tomentos, que aproveitam as fibras curtas, é pelo contrário indispensável prender o *manelo* a toda a sua largura, para regular por igual a quantidade que se puxa de cada vez.

A *correia* prende-se com a *espicha* espetada entre as suas voltas. As *espichas* estão suspensas da extremidade livre da correia, e podem ser de madeira, folha zincada, ou osso. Têm uma forma aguçada, e são normalmente pequenas — cerca de 7 cm —, lisas ou com uma decoração muito simples, de motivos geométricos entalhados ou vazados. Existem porém *espichas* de luxo, com mais de 15 cm, em osso, profusamente decoradas com motivos de flores, corações, «signo salomonis», estrelas, coroas, galos, etc., em rendilhados finamente recortados ou vazados (Fig. 2).

Estas rocas não constituem artigo de feira nem de venda ao público. As mais ricas e requintadas são sempre objecto de ofertas; e mesmo as outras, são feitas ora pelas próprias pessoas da

casa, ora por pessoas amigas, ora, quando muito, por encomenda a um habilidoso local ⁽¹⁾.

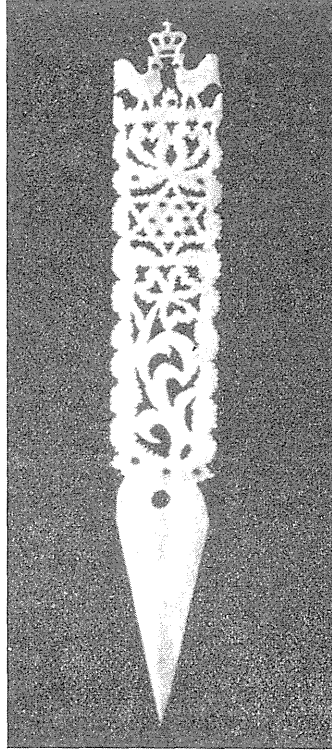


Fig. 2 — *Espicha* (15 cm) — Perre.

(1) Xaquín Lorenzo Fernandez — Notas Etnográficas da Terra de Lobeira — O Liño e a Lã, in: *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*, VI — Santiago, 1933, págs. 20-21 e fig. 10, dá nota, naquela região galega, de rocas que se assemelham às que estudamos, e que ali coexistem com outras de um ou dois rocões vulgares; e, ao contrário do que sucede entre nós, são aquelas precisamente as que se podem «mercar feitas», enquanto que as últimas se fazem em casa.

Por outro lado, na Jugoslávia, encontram-se dispersas por todo o país, embora em casos pouco frequentes e sem carácter regional, rocas perfeitamente idênticas às que descrevemos, mostrando também o ciso independente. O mesmo sucede na Bulgária, Polónia e Hungria. Cfr. Milovan Gavazzi, *Subdina Stare Slavenske Bastine kod Juznih Slavena*, Belgrado, 1959.

2) *O canhão de fazer meia* — No Leste Transmontano usava-se para fazer meia, antes do aparecimento das agulhas com pega na ponta, um instrumento muito simples, a que chamavam *canhão*, que consistia num simples pau maciço, com cerca de 30 cm de comprimento, que as mulheres firmavam na cinta, do lado esquerdo, e que tinha um buraco na extremidade que ficava de fora, no lugar da medula. Nesse buraco espetava-se um segundo pau, muito fino, que fazia de agulha, e com outro igual e a ajuda dos dedos, iam-se correndo os pontos da malha. O trabalho com o *canhão* era, ao que parece, rendoso, nada ficando a

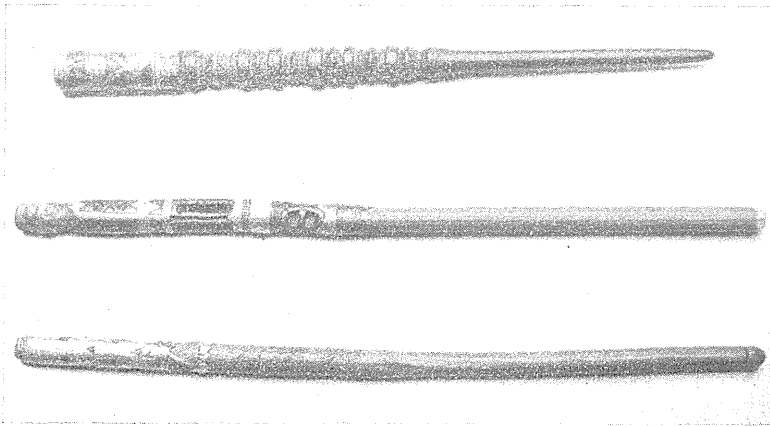


Fig. 3 — «Canhões» trasmontanos de fazer meia. a) e b) Montezinho;
c) Parâmio (Bragança).

dever ao que se obtém com as actuais agulhas. Este instrumento deixou há muito de se usar e está em vias de completo desaparecimento, sendo muito raros os exemplares que ainda se encontram; conhecemos quatro no Museu Etnológico de Belém, três dos quais têm a ponta onde fica o buraco revestida com uma placa de estanho mais ou menos ornamentada, de cerca de 10 cm de comprimento; (1) dois no Museu de Arte Popular, completa-

(1) A estes «canhões» transmontanos se refere J. Leite de Vasconcellos, in: Opúsculos, V. P. 452/4, (com menção do instrumento na Espanha e Itália). Relativamente à Espanha, vide também Rev. Dialect. Trad. Pop. Tomo XIV, cad. 1 e 2, Madrid, 1958, a propósito de motivos e sinais usados pelos pastores pirenaicos.

mente em madeira, primorosamente lavrada, provenientes de Terras de Miranda; e uma meia dúzia deles no Museu de Bragança. Na nossa colecção (1) possuímos um — que era de uma octogenária de Parâmio (Bragança) —, de marmeleiro, com motivos fitomórficos sobre um coração, e, do lado oposto, a cruz, e com a ponta, como nos do Museu de Belém, revestida de estanho, mostrando recortes e ornatos incisos (Fig. 3).

3) *A grama* — Em algumas regiões do País usa-se, para a preparação do linho em rama, um aparelho especial, cuja função corresponde aproximadamente à da espadela nortenha, e que se chama a *grama*. Jaime Lopes Dias, alude a ela (2) nos capítulos que dedica à manufactura do linho, e mostra numa fotografia o aparelho, mas não o descreve.

A *grama*, nas formas que conhecemos, é um aparelho muito tosco, feito de um galho, de cerca de 70 cm, grosseiramente afeiçoado e com uns 15 cm de grossura, escavado em cunha a todo o seu comprimento; nesse rasgo, entra, bem ajustado, um pau em forma de gume, a que se dá o nome de *graminho*, e que se articula numa das extremidades do galho, de modo a subir e descer como a guilhotina dos tipógrafos; o graminho é munido, na extremidade livre, de uma mãozeira (Fig. 4). No ponto da inserção do graminho ficam também as *pernas* da grama — um ramo em forquilha, com cerca de 90 cm de altura, ou até, por vezes, o simples prolongamento do próprio galho, que aí se bifurca. A grama usa-se para a limpeza das ramas do linho, que, depois de maçado com a *maça* que lhe fracturou a parte lenhosa, ficou cheio de palhas. Para a sua utilização, ela é apoiada em qualquer suporte a cerca de 60 cm de altura, firmando-se os pés

(1) Na nossa última visita a Trás-os-Montes, procuramos em vão obter um *canhão* que documentasse este velho sistema; o que possuímos, foi-nos enviado pelo Ex.^{mo} Sr. José Furtado Montanha, que com a maior amabilidade se empenhou em nos conseguir o que desejávamos, e a quem aqui testemunhamos o nosso agradecimento. O mesmo Ex.^{mo} Sr. anuncia-nos um próximo estudo sobre o *canhão* trasmontano, que um seu amigo deve publicar em Coimbra, e que ficamos aguardando com o maior interesse.

(2) Jaime Lopes Dias — *Etnografia da Beira*, vol. VI, págs. 215 e 218. Este Autor diz, em curiosa nota, que «o dia da grama era no concelho da Sertã... de festa grande nas famílias». Em Fratel (Ródão), o serviço é feito por raparigas — as *gramadeiras* — em grupo, num recinto próprio — o *gramadouro* —, e toma aspectos festivos: as *gramadeiras* enviam uma planta de linho seco a certas pessoas, que em troca lhes mandam flores, com que elas ornamentam a sua grama; mais tarde, os rapazes visitam os gramadouros. (Cfr. Joaquim Matoso de Oliveira Flores, *Contrastes da nossa Terra*, in: *Biblos*, VIII, págs. 712-713).

no chão. Com a mão direita na mãozeira, levanta-se o graminho; a mão esquerda empunha a estriga e poussa-a sobre o rasgo; dão-se, com o graminho, sucessivas pancadas rápidas na estriga ao mesmo tempo que esta se vai puxando (serra algarvia); ou então baixa-se o graminho, e, exercendo forte pressão sobre ele, puxa-se simplesmente a estriga (Beira Baixa); deste modo a pas-



Fig. 4 — Foz do Cobreão (Vila Velha do Ródão) — A grama.

sagem das ramas pelas quinas e gume da grama e do graminho trilha o linho e vai-o limpando das palhas que a maça deixou, e que constituem os tomentos. Por vezes, como é o caso em Corte da Seda (Alcoutim), o trabalho é feito, mediante remuneração, por um homem convocado para tal, que, em alguns pontos, traz mesmo a grama.

Em certas regiões, depois de gramado, o linho, é ainda espadelado ou espadanado com a espadela ou espadana (ou ainda tasquinhado com a tasquinha), para mais perfeita limpeza; mas em zonas muito rústicas, a grama é a única operação

de limpeza deste género, e, depois de gramado, o linho passa logo para o *sedeiro*, onde se faz a separação do linho, da estopa, e da estopinha.

Temos notícia da existência de aparelhos que correspondem à grama, mas que são de uma feição consideravelmente mais esmerada, na Dinamarca (1), na Suécia, na Irlanda, aqui de ferro (2), na Rússia (3), e na Suíça (4). Neste último país, por exemplo, o graminho é composto de dois paus paralelos, que entram em dois rasgos da grama. Entre nós, pelo menos actualmente, conhecemos a grama no Algarve, especialmente na Serra do Caldeirão, e numa área que corresponde aproximadamente à zona sul da Beira Baixa, da Sertã a Vila Velha do Ródão, e daí para cima, pelo menos até ao Fundão (5). No norte, a grama é desconhecida, e todas as operações de limpeza do linho são feitas com a espadela (6). Contudo, é possível que a sua área de difusão tenha sido muito mais vasta; de facto, Vieira dá a sua definição (*gramadeira*) — «pau de trilhar linho» — em termos gerais; e a esse respeito notamos que, em Vila Real, se dava o nome de *gramar* ao acto de pisar o linho (7); e mesmo no Alto Minho, em Luzio (Monção), em plena área da espadela, ouvimos o verbo *gramar*, para designar a acção de espadelar o linho.

BENJAMIM ENES PEREIRA

Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

(1) Numa pintura mural do Landbrugsmuseet, de Sorgenfri (Copenhague).

(2) Vid. *Folk-Live*, Tomo XVI, Estocolmo, 1952, pág. 42, fig. 3.

(3) Vid. Dmitrij Zelenin, *Slavischer Grundriss Russische (Ostslavische) Volkskunde*, Berlim, 1927, pág. 150.

(4) Vid. *Schweizerisches Archiv für Volkskunde*, Vol. 40, Basileia, 1942-44, pág. 177.

(5) José Manuel Malheiro do Vale, «A linguagem de Mouraz — Monografia dum falar da Beira-Alta», in: *Biblos*, vol. X, N.ºs 5 a 8, Coimbra, 1934, pág. 329, menciona a existência da grama (*gramadela*) em Mouraz, no concelho de Tondela.

(6) Note-se que enquanto que em Trás-os-Montes a fractura da parte lenhosa é também feita com a maça, no Noroeste usam-se actualmente, para esse fim, os engenhos de linho, geralmente movidos a água.

(7) *Revista Lusitana*, XII, pág. 102 (A. Gomes Pereira, «Tradições Populares e Linguagem em Vila Real»).